

Biblioteca Anarquista



Excluídos e Incluídos

Alfredo Maria Bonanno

Alfredo Maria Bonanno
Excluídos e Incluídos
2011

lib.anarhija.net

Tradução e Revisão por André Tunes @**Consciência Subversiva**
Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org

2011

O fim da ideologia quase chegou, mas não completamente.

Nenhum aparato político conseguirá passar sem isso completamente. A transformação substancial na estrutura produtiva do capital, que vem ocorrendo em todo o mundo nos últimos dez anos, esvaziou quase todas as coberturas ideológicas existentes de seu significado. Dito isto, não se pode sustentar que a política, pretendida como a ação gerencial e repressiva do Estado, subitamente se aproximou das necessidades das pessoas. Novos fantasmas apareceram nos calcanhares do velho, com características que nem sempre são fáceis de distinguir, sendo uma questão de coberturas ideológicas que ainda estão em formação. Podemos apenas dizer que seu objetivo ainda é o de exercer pressão sobre os sentimentos e instintos irracionais, de modo a solicitar um comportamento favorável à manutenção da ordem imposta pela classe no poder.

Entre os movimentos mais imediatos que saltam para nossa atenção está a velha miragem da liberdade, embalsamada em todas as armadilhas lógicas do velho liberalismo e apressadamente espanada para justificar as operações sinistras de administrar os novos mercados do Oriente. Todo o liberalismo baseia-se numa discriminação precisa entre duas categorias de pessoas: uma que pode desfrutar dos direitos humanos e políticos e também mais concreta da própria vida, e aqueles que têm uma forma reduzida de tais direitos, sempre suscetíveis a uma possível suspensão ou supressão.

Não é necessário lembrar aqui que o paladino da liberdade política, Locke, devia sua fortuna privada ao investimento em empresas inglesas que trabalhavam no tráfico de escravos por quase um século. A própria revolução inglesa, de onde vinha a ideia do liberalismo político, considerara a vitória sobre a Espanha uma grande conquista, na medida em que, com o tratado de paz de Utrecht, obtivera a destruição do monopólio espanhol do tráfico de escravos, então começou esta atividade em grande escala.

Na realidade, se olharmos de perto, vemos que o novo manto ideológico que está prestes a ser lançado apressadamente pelas organizações acadêmicas que se ocupam com tais coisas consiste em enxertar a velha hipocrisia liberal no corpo social que parece mais desintegrado hoje do que nunca. Apenas uma coisa permanece além de qualquer dúvida desta velha tagarelice: os homens são apenas iguais em princípio, enquanto na prática eles são divididos em duas categorias, aqueles que têm direitos e aqueles que não têm. Por direito entende-se a possibilidade de acesso

a fontes de riqueza, para determinar a mudança que visa reduzir a diferença na distribuição da receita, ou seja, tudo o que permite colocar a esperança em um futuro melhor, ou, pelo menos, um que seja menos difícil do que o presente.

Se conseguiremos ver uma redução no poder dos Estados ou não, na realidade, esses novos movimentos políticos estão se movendo a nível mundial rumo a uma fase de abertura gerencial que pode ser definida como a possível participação dos estratos inferiores nas condições de vida do superior, continua a ser visto. Por outro lado, o efeito ideológico desta perspectiva está em curso, contribuindo para criar as melhores condições para a estruturação do mundo numa perspectiva industrial.

O ponto essencial deste processo é que apenas uma parte bastante restrita dos produtores será capaz de alcançar as condições de vida humanas, ou seja, pelas condições humanas, uma maior correspondência entre as ocasiões oferecidas pelo Estado e pelo capitalismo como um todo, e a possibilidade de explorá-los. O resto, a grande maioria, terá que encontrar espaço na separação, naquela obra “suja” que os velhos liberais como Mandeville compararam com a dos escravos. Não “sujo” no sentido da antiga brutalização física, mas “sujo” no verdadeiro sentido da palavra, na medida em que suga a inteligência, corrompendo-a, baixando-a, reduzindo-a ao nível das máquinas, alienando-a qualidade característica do homem, imprevisibilidade.

Neste contexto, onde a modernização ideológica caminha de mãos dadas com profundas transformações nas estruturas de produção, um sistema coordenado de processos reais e imaginários baseia-se sincronicamente na flexibilidade, adaptabilidade baseada na discussão da assembleia democrática e a recusa crítica de uma autoridade que não está mais preocupada com a eficiência, a velha função do Estado como elemento centralizador da administração e repressão, está destinada a enfraquecer.

E esse enfraquecimento está na ordem das coisas, no espírito dos tempos, se você quiser.

Mas aqui precisamos nos perguntar: isso está enfraquecendo uma coisa positiva? A resposta, pelo menos para os anarquistas, deveria ser sim. E assim teria sido se não tivessem ocorrido, em tempos muito recentes, problemas que nos parecem úteis apontar aqui.

Vamos começar com os aspectos positivos. Qualquer redução no poder dos Estados é algo positivo que permite maiores espaços de liberdade, movimentos de demarcação mais consistentes, uma expectativa de melhores

tempos, sobrevivência se você quiser, mas também formas organizacionais de luta que os grandes colossos repressivos destroem com facilidade. Participar das lutas que desmembram os Estados é, portanto, um movimento positivo e, nessa esfera, as lutas de libertação nacional, infelizmente, nem sempre foram ocasiões para romper a monoliticidade do poder e propor possíveis linhas de divergência social, alternativas capazes de demonstrar diferentes caminhos para tomar. Isso tem sido muitas vezes varrido pela súbita chegada de movimentos mais consistentes, reestruturação capitalista em primeiro lugar, perturbação imperialista na repartição do poder em nível mundial, mecanismos em desenvolvimento desigual, etc.

No presente estado de coisas, outras considerações se somam às precedentes. Não que isso seja tal que nos faça considerar as lutas negativamente.